



ÉVORASHRINKINGCITY

PENSAR A CIDADE ANTIGA PARA UMA NOVA CIDADE

Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora
Paulo Neves
Orientação: Doutor João Soares
Março 2010

Aos meus pais, pelo amor e confiança;

Ao Prof. João Soares pelas certas direcções, quando muito se pôs em causa;

Aos amigos, em especial ao Luís Ferro e Joana Cândido pelo apoio;

À Inês pelo carinho;

À república 17, pelos bons momentos passados e por me dar a conhecer pessoas muito especiais. A sua existência fez-me acreditar que Évora poderia ser muito mais do que é;

Um obrigado especial à Mariana.

ÍNDICE

Resumo abstract	9
0 Introdução	11
1 Shrinking Cities	21
1.1 Shrinking Cities - processos de transformação urbana	21
1.1.1 Cenários de encolhimento	33
2 Transformações recentes das cidades médias em Portugal	45
2.1 Desenvolvimento das cidades médias portuguesas nos últimos 35 anos	45
3 Évora	55
3.1 Contexto Geográfico e Urbano	55
3.2 Évora - Shriking City	61
	69
4 Évora <i>Shrinking City</i> - cenários de encolhimento	69
4.1 Évora. Donut City	101
4.2 Herança Patrimonial	115
4.3 Casa em Ruína, casa abandonada	125
4.4 Automóvel como factor de encolhimento urbano	125

5 Modalidades Alternativas de Utilização da cidade	139
5.1 Relações Entre Centro e Periferia	139
5.1.1 Covilhã - <i>Programa Polis</i> – Reajustar descontinuidades	147
5.1.2 Parque <i>Forlanini</i>	157
5.2. Património – (Re)imagem / (Re)funcionalização	163
5.2.1 Re-imagem da cidade como factor de revitalização	171
5.2.1.1 Bilbao	173
5.2.1.2 Santiago de Compostela	181
5.2.2 Património Industrial Reutilizado - <i>Brauhaus Verein Dessau E.V.</i>	191
5.2.3 Livraria <i>Selexyz Dominicanen</i>	199
5.3 Cidade/ Casa Reabilitada	207
5.3.1 Reabilitação Urbana em Saints	217
5.3.2 <i>PORTO VIVO, SRU</i> - Emparcelamento de propriedades	223
5.3.2.1 Quarteirão <i>Vieira do Anjo</i>	227
5.3.2.2 Quarteirão <i>Martins Alho</i>	231
5.3.2.3 Quarteirão <i>Pelames</i>	237
5.3.3 Propriedade privada ocupada temporariamente	243
5.3.3.1 <i>Helle Tempo</i>	249
5.3.3.2 <i>Up in the air / Further up in the air</i>	253
5.3.3.3 <i>Making it 2</i>	257
5.3.3.4 <i>Sportification</i>	261
5.3.4 <i>Recetas urbanas</i>	265
5.3.4.1 Projectar com luzes	269
5.3.4.2 <i>Kuvas S.C.</i> Recuperar a rua	273
5.3.4.3 Organização e ocupação temporária de espaços devolutos	277
5.3.4.4 <i>Casa Rompecabezas</i>	281
5.3.4.5 Andaimos – Construir Refúgios Urbanos	285
5.3.4.6 Prótese Institucional	289

5.4 Alternativas de mobilidade e condicionamento ao uso do automóvel	293
5.4.1 Estacionamento automatizado	301
5.4.2 Sistemas de condicionamento de tráfego	305
5.4.3 Sistema de Bicicletas de Uso Partilhado	309
5.4.4 <i>Segway</i>	313
5.4.5 Projecto <i>Home Zone</i>	317
6 Considerações Finais	323
7 Anexos	327
8 Índice de imagens	355
9 Índice onomástico	365
10 Bibliografia	377

8 ABSTRACT

This Master Thesis aim is to study the city of Évora. Which its condition as heritage appears to be many times, a constraint to fulfill the ability of adapting new patterns and contemporary social models, leading progressively to abandonment.

The goal of the present study is to analyze and identify causes for the emptying of the historic center of Évora, understood by its scale. Try to recover practices in the discipline of architecture, that have answered to similar situations in the context of Shrinking Cities or, when necessary, in particular situations. Practices that in some way, have contributed to adapt, attenuate or resolve what initially is faced as a problem.

With examples very directed to the subject of Shrinking Cities in Évora, evidencing different types of cases, different contexts, scales and possibilities that invite to rethink new opportunities and, most of all practice methods. Therefore, the intent is to understand and establish premises about practice of urbanistic and architectural, in the specificity of this consolidated context.

RESUMO

9

Esta dissertação de mestrado tem como objecto de estudo a cidade de Évora. A sua condição patrimonial revela-se muitas vezes num factor de constrangimento quanto à capacidade de se adaptar a novos padrões e modelos sociais contemporâneos, levando ao seu progressivo abandono.

O objectivo da presente dissertação passa por analisar e identificar as causas do esvaziamento do centro histórico de Évora, entendido à sua escala. Intuitivamente resgatar práticas, no domínio da disciplina de arquitectura, que tenham respondido a acontecimentos similares no contexto das *Shrinking Cities* ou, quando necessário, em situações mais particulares. Práticas que tenham contribuído, de certo modo, para adaptar, atenuar ou resolver o que *a priori* se encara como um problema.

Com exemplos muito direccionadas à problemática do “encolhimento urbano” de Évora, evidenciam-se casos de diferentes naturezas, diferentes contextos, escalas e possibilidades, que convidem à consciência, ao repensar de oportunidades e, essencialmente, a métodos de actuação. Procura-se assim, compreender e estabelecer premissas sobre a prática arquitectónica e urbanística, na especificidade deste contexto extremamente consolidado.

SHRINKING CITIES / URBAN SHRINKAGE

Shrink verb (past tense **Shrank**/ past part. **Shrunk** or **shrunk**) verb intrans **1** to contract to a smaller volume or extend, e.g. as a result of heat or moisture; **2** to draw back or cower away, e.g. from something painful or horrible; **3** to show reluctance, e.g. before a difficult or unpleasant duty, to recoil. verb trans. to cause (something) to contract, specif to compact (cloth) by a treatment, e.g. with water or steam, that results in contraction.

Shrinkage noun **1a** the act or process of shrinking; **b** the degree of shrinking: the material suffered a 10% Shrinkage in transit; **2** the loss in weight of carcasses during shipment and storage, esp. if frozen, and in process of preparing the meat for consumption; **3** loss of merchandise from a shop by shoplifting.

10 **Urban.** adj of or constituting a city or town.

Shrink A s. **1** retraimento; **2** afastamento; **3** encolhimento; **4** [cal.] psiquiatra, psicólogo B v. tr., intr. (prt. **Shrank**, part. pass. **Shrunk** ou **Shrunk**) **1** (roupa) encolher; **Wollen clothes often ~ in the wash** roupas de lã encolhem muitas vezes ao serem lavadas; **2** (fronteiras) estreitar-se; **3** (quantia, quantidade) diminuir, reduzir; **His income has shrunk** o rendimento dele diminuiu; **4** (metal) contrair-se ao arrefecer; **5** (carne) ralar, triturar; **6** recuar [from, perante]; **7** esquivar-se [from, a]; fugir [from, a]; **to ~ from one's Word** fugir à palavra dada; he shrinks from no work ele não foge a nenhum trabalho \diamond **to ~ at** ser avesso a, ter relutância em; **to ~ back** recuar; **to ~ into oneself** ensimesmar-se; fechar-se em si mesmo; **to ~ on** encaixar enquanto dilatado pelo calor; **to ~ to next to nothing** tornar-se quase nada.

Shrinkage s. **1** (roupa) encolhimento; **2** (quantia, quantidade) diminuição, redução; **3** (madeira, metal) contracção, encolhimento; **~ of a metal** contracção de um metal; **~ of the wood** encolhimento da madeira; **4** retracção retrocesso.

Shrinking A adj. [fig.] acanhado, tímido B s. **1** encolhimento; **2** diminuição \diamond [coloq.] (pessoa tímida) **a ~ violet** um atadinho; **~ away /back** afastamento; **~ of the casting** contracção da fundição.

Encolher v.tr. **1** tornar mais pequeno, reduzir; **2** encurtar; **3** contrair; **4** refrear \diamond v. intr. Diminuir de tamanho \diamond v. ref/ **1** retrair-se, mostrar-se tímido ou reservado; **2** esconder-se; **3** aceitar (algo que não se concorda) sem protestar; resignar-se \diamond encolher os ombros, mostrar-se indiferente

Encolhido adj. **1** que encolheu; que diminuiu de tamanho, contraído; **2** tímido, acanhado, retraído \diamond **1** s.m. individuo sem energia; **2** individuo submisso. Participio passado de encolher

Encolhimento s.m. **1** diminuição de tamanho; **2** contracção; **3** encolhimento; **4** timidez; acanhamento; **5** submissão

Urbano adj. Que diz respeito à urbe; próprio da cidade; diz-se do prédio para habitação (por oposição ao prédio rústico); fig. Cortês; polido; civilizado.

1 ALLEN 2000

2 AAVV 2005

3 AAVV 2004

0

INTRODUÇÃO

A sociedade e a condição humana na sua colectividade exercem um papel fundamental no desenvolvimento das cidades. 11

Culturalmente as cidades, representam um território colectivo marcado pelas sucessivas alterações, ancoradas numa cronologia histórica e misturadas no presente. «(...) São o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares (...). Apenas parcialmente é possível controlar o seu crescimento e a sua forma. Não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases»¹. Deste modo, a cidade e a forma como esta se organiza é essencialmente produto de uma condição cultural², na mais vasta abrangência do seu significado, e de sucessivas actualizações dessa condição ao longo dos vários séculos até à contemporaneidade.

Compreender e falar da “Cidade”, irreflectidamente faz com que tenhamos noção de uma imensa teia de relações das mais diversas naturezas que naturalmente nos despertam a curiosidade para este vasto organismo. Um organismo vivo, cheio de vasos comunicantes, nervos, coração, reacções e impulsos, figurados nas ruas e praças, no seu património cultural e construído. Leon Battista Alberti descrevia a cidade como uma grande casa, e a casa como uma pequena cidade composta pelos pequenos espaços, entendidos eles mesmos como outras casas. Uma analogia que Alberti transpõe para o corpo de um animal onde os diferentes membros estabelecem uma concordância de disposição e reacções com precisões tais que a negligência de um desses membros coloca

1 LYNCH 1999:12

2 Françoise Choay a propósito do XIV Encontro Nacional de Municípios com centro histórico (Beja, 14 a 16 de Maio 2009) referiu-se ao significado de cultura como aquilo que constitui a identidade de uma sociedade e de um povo, indissociável da sua natureza e do local, sendo que a diferentes núcleos correspondem diferentes práticas e costumes a estes associados.

12 a afinação dos outros em causa.³

Não podemos portanto, prescindir de perceber os seus diversos contextos, sejam sociais, políticos, económicos, urbanísticos, arquitectónicos, que a par de outros enquadram e alimentam a Cidade. Só assim poderemos compreender como a Cidade se monta e articula, como funciona, o que a move, como se transforma, o que a transforma, porque se transforma, e em que contexto se transforma. A cidade constrói-se então de movimentos, reacções, e extensões ou por oposição de dinâmicas contrárias que a perfuram, comprimem, ou a esvaziam.

O Centro, enquanto referência primordial da cidade, reveste-se nos dias que correm de problemáticas associadas a transformações resultantes dos padrões de vida contemporâneos. Representam contudo uma forte marca de individualidade cultural que a todo o custo se procura manter e preservar, desenvolvendo paralelamente patologias (urbanas, sociais, económicas, etc.) contraditórias. Essencialmente aqueles a que chamamos “históricos”, representam um universo circunscrito extremamente consolidado, que gradualmente perderam capacidade de acompanhar e dar resposta a desejos e necessidades dos seus habitantes. O tema do despovoamento é transversal a todos os centros históricos. Em todos eles com causa/efeito que gravitam em torno das mesmas problemáticas.

3 «Se è vero il detto dei filosofi, che la città è come una grande casa, e la casa a sua volta una iccola città, non si avrà torto sostenendo che le membra di una casa sono esse stesse piccole abitazioni: come ad esempio l'atrio, il cortile, la sala da pranzo, il portico, etc.; il tralasciare per noncuranza o trascuratezza uno solo di questi elementi danneggia il decoro e il merito dell'opera. (...) E come nell'organismo animale ogni membro si accorda con gli altri, così nell'edificio ogni parte deve accordarsi con le altre. Da ciò il precetto: gli edifici più grandi devono avere le membra più grandi. (...) Quindi ciascun membro, come accade nel corpo umano, deve avere il luogo e la posizione più opportuni: non occuperà più spazio di quanto sia utile, né meno di quanto ne esiga il decoro; né sarà collocato in una posizione impropria o disdicevole, bensì in quella che precisamente gli appartiene, sì che non se ne possa trovare un'altra più conveniente. (...) Occorre che ogni membro dell'edificio si armonizzi con gli altri per contribuire alla buona riuscita dell'intera opera e alla sua leggiadria, di modo che non si esaurisca in una sola parte tutto l'impulso alla bellezza, trascurando affatto le altre parti, bensì tutte quante si accordino tra loro in modo da apparire come un sol corpo, intero e bene articolato, anziché frammenti estranei e disparati. (...)» cit. Leon Battista Alberti, *De re aedificatoria* volume 1, capitolo IX

O centro histórico de Évora, inclui-se nestas demandas. Circunscrito no perímetro amuralhado e detentor de um vasto legado patrimonial, conserva em si traços de autenticidade originais da sua construção enquanto cidade. Contudo, pressentimos gradualmente uma desestruturação no seu sentido e sentimento urbano, que se partilha com outros anónimos que persistem em vivê-la ou que desistiram, rendidos pela precariedade que muitas vezes estes centros envelhecidos oferecem.

Pela afinidade que aqui construí com esta cidade e com este tema, e pelo conflagramento que me causa presenciar a passividade de uma Cidade, que apesar da sua riqueza cultural, arquitectónica e urbanística, continua a negligenciar e a cuidar paliativamente do seu património, decidi desenvolver o presente estudo.

Na Europa, a problemática dos Centros históricos tem sido largamente debatido a partir da primeira metade do século XX. As cidades com Zonas Históricas lançaram debates e trocaram experiências, criaram-se organismos tutelares⁴ defensores da salvaguarda patrimonial e várias teorias se têm desenvolvido sobre o assunto.⁵

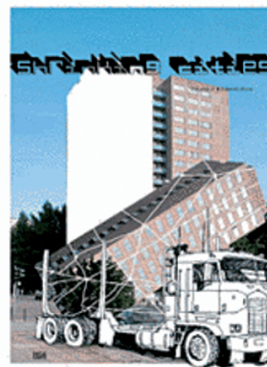
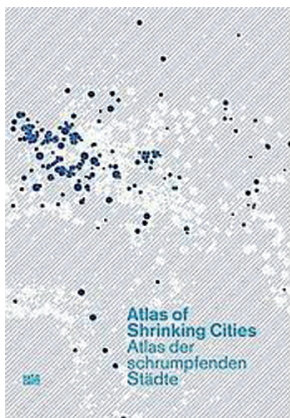
O Património⁶ histórico, enquanto factor muitas vezes inibidor de qualquer acção

4 Dos vários organismos tutelares destaca-se a actividade internacional do ICOM (Conselho internacional de Museus), da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e do ICCROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e do Restauro do Património Cultural). A nível nacional destaca-se o trabalho realizado pela DGEMN (Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais) e do IGESPPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico que substitui actualmente as funções do antigo IPPAR na tutela do Património).

5 Carta de Atenas (1931), Carta de Veneza (1964), Carta de Florença (1981), Carta de Washington (1987), Carta de Lausanne (1990), Carta da Villa Vigoni (1994), Declaração de Segeste (1995), são documentos de referência redigidos ao longo do séc. XX, legitimando os princípios gerais da salvaguarda do património histórico.

6 O significado do termo *Património* tem sofrido inúmeras alterações ao longo do tempo, contudo, o sentido mais amplo que hoje lhe damos, teve origem na década de 60 com o então Ministro Francês André Malraux, quando pela primeira vez se formou um ministério da cultura. Criou-se então uma série de departamentos e acções com vista à regulação e salvaguarda do Património histórico: o inventário do Património (1964), a Direcção do Património (1978), a Associação dos Arquitectos do Património e as Jornadas do Património (1980). Em 1972 a *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, figurou-se essencial na difusão e mediatização do significado de Património e do seu crescente interesse a nível internacional.

No 5º Capitulo, no ponto denominado *Património (Re)imagem / (Re)funcionalização*, contribui-se para a clarificação deste conceito no presente trabalho.



nas cidades desta natureza, apresenta-se nesta investigação como um agente catalisador de um processo de reflexão sobre a contemporaneidade destas cidades, tendo como objectivo compreender e estabelecer premissas sobre a prática arquitectónica, urbanística e territorial, na especificidade deste contexto extremamente consolidado.

Partindo da leitura de um fenómeno Global – *Shrinking Cities*⁷ – pretendeu-se fazer um enquadramento dos problemas sentidos na “cidade encolhida”⁸, compreendendo os efeitos urbanos surgidos. Tirando partido de uma série de reflexões compiladas em duas extensas publicações sobre este fenómeno, poderemos facilmente encontrar paralelismos entre a cidade de Évora e alguns dos conceitos e exemplos abordados.

O fenómeno *Shrinking Cities*, com uma série de patologias urbanas identificadas, refere-se acima de tudo a um processo de transformação das cidades de forma mais lenta (sobretudo dos centros reconhecidos como históricos) mas implacável, processo esse que a passagem do tempo acentua.

As acções de protecção e valorização patrimonial (regiões demarcadas, classificadas e protegidas local ou internacionalmente) apesar de conterem boas intenções produzem limitações: diminuições de fluxos de actividade – comércio, serviços, habitação - que geram desinteresse em relação a quaisquer práticas de investimento. Ao procurar proteger estes lugares de dinâmicas globalizantes

7 Denominação associada ao projecto de investigação da Kulturstiftung des Bundes (German Federal Cultural Foundation) em cooperação com o projecto de investigação do Atelier do Arqº Philipp Oswald (coordenador do projecto), o Museu de Arte contemporânea Leipzig, a Bauhaus Dessau Foundation e a magazine archplus., que resultaram na publicação de 3 volumes. Deste estudo fazem parte 1 atlas que configura a o fenómeno *Shrinking Cities* a nível global, e duas extensas publicações que compilam inúmeros artigos de diferentes disciplinas sobre casos específicos de cidades afectadas pelo esvaziamento populacional. O primeiro volume reúne artigos que enquadram os diversos campos patológicos (urbano, social, político, económico, imagem etc.) e as causas da transformação. O segundo reúne cenários de reacção e intervenções na cidade, potenciadas por este encolhimento.

8 Vejamos os diversos significados de *Shrinking Cities* definidos no dicionário, presentes na pág. 10

- ¹⁶ desejando conservar a sua suposta autenticidade, geram-se situações de atrofio que progressivamente provocam o abandono de lugares, acabando por produzir o contrário daquilo que as intenções previam.

Poderão as patologias identificadas nos centros apresentar-se como oportunidade? Como poderão ser repensados os espaços e estruturas inutilizadas? Deverão ser encaradas as práticas ditas informais, como modelos de acção? Poderão ser viáveis e aceitáveis políticas urbanas que influem de forma mais efectiva e intrusiva as propriedades privadas tornadas obsoletas?

O objectivo da presente dissertação passa sobretudo por analisar e identificar as causas do esvaziamento da Cidade Histórica de Évora⁹, entendida à sua escala, e intuitivamente resgatar práticas, no domínio da disciplina de arquitectura, que tenham respondido a acontecimentos similares no contexto das *Shrinking Cities* ou quando necessário em situações mais particulares, e que, de certo modo tenham contribuído para atenuar ou resolver, o que *a priori* se encara como um problema.

Num primeiro capítulo menciona-se, com a brevidade necessária, alguns conceitos do fenómeno *Shrinking Cities*, caracterizadores de uma posição mais global da construção e transformação da Cidade.¹⁰

Num progressivo *zoom* contextual constrói-se, no segundo e terceiro capítulos, a leitura da Cidade de Évora enquanto cidade média Portuguesa, traçando o quadro de transformação e incompatibilidades que se geraram na cidade.

O quarto capítulo, denominado *Évora - cenários de encolhimento*, identifica claramente quatro dessas transformações associadas ao progressivo esvaziamento do centro histórico.

⁹ Definida pela Cerca Nova

¹⁰ Baseados quase exclusivamente em textos do volume 1 da bibliografia referida anteriormente.

O capítulo final, intitulado *Modalidades alternativas de Utilização da Cidade*, refere-se a práticas equacionadas no domínio da disciplina da arquitectura (algumas delas bastante informais, e espontâneas), aplicadas pioneiramente em cidades que lidam com o fenómeno do “encolhimento urbano”, revertendo-o ou tirando partido das suas potencialidades. São projectos que representam resultados práticos sugestivos, de abordagens que valorizam e tornam em oportunidade aquilo que, erradamente, se encara com o pessimismo de algo acabado, sem solução, sem futuro. Trata-se acima de tudo construir vários quadros de versatilidade entre as ferramentas que a cidade produz e as necessidades contemporâneas exigidas. Sem qualquer presunção de querer apresentar soluções miraculosas, os casos que aqui apresentamos devem ser somente lidos e interpretados como possibilidades, métodos e reflexões ou provocações sobre problemas da cidade que se apresentam no capítulo precedente. 17

Procurou-se demonstrar com exemplos muito direccionadas à problemática do encolhimento urbano de Évora, casos de diferentes naturezas, diferentes contextos, escalas e possibilidades, que convidem à consciência, ao repensar de oportunidades e essencialmente métodos de actuação. Exemplos como uma livraria instalada numa igreja gótica no centro histórico de Maastricht, a apropriação de espaços privados para produção artística, pátios privados que se tornam jardins semi-públicos, hortas urbanas, ou a introdução do uso de bicicletas como sistema alternativo de mobilidade, imaginam-se compatíveis com cidades desta natureza. Perante os sintomas de esvaziamento e perda de funções de inúmeros edifícios públicos e privados surgem sugestões de reabilitação, reprogramação ou reconversão.

Contudo não existem receitas e modelos genéricos aplicáveis ao contexto da particularidade de cada cidade, ainda que de natureza idêntica. Pensar arquitectónicamente os efeitos do fenómeno *Shrinking Cities* pode oferecer ferramentas que contribuam para adequação destas cidades aos novos modelos de vida. Porém as

18 *“Porque se é consensual que esses ambientes urbanos do passado ainda hoje são amáveis, acolhedores, equilibrados – porque lhes reconhecemos essas qualidades -, a solução só poderá ser continuarmos a vivê-los. Mas não como se visitássemos um parque temático; para que o espaço seja vivido e vivido é necessário que seja habitado, que corram crianças atrás das esquinas, que parem casais pelas esplanadas, famílias nas lavandarias, velhos também, nas praças ou nos jardins, debaixo das árvores.”*

Manuel Graça Dias in “Manual das cidades”, Relógios D’Água Editores, Lisboa, Nov. 2006, p. 39

estratégias devem fazer parte de uma cuidada e consciente leitura das problemáticas, e da consideração dos seus reflexos na comunidade. «ANTES DE RECEITAR / DIAGNOSTICAR A DOENÇA / E ENTENDER O QUE A PROVOCA», uma espécie de lema “gritado” por Nuno Portas no artigo *Velhos Centros Vida Nova*¹¹, o mesmo lema que Patrick Geddes¹² preconizou no final do séc. XIX na intervenção desenvolvida na envolvente do castelo de Edimburgo. Porque cada caso é um caso e como tal deve ser lido e entendido. Pressupostos algo óbvios, mas que nem sempre encontram um equilíbrio na articulação de diferentes situações da construção da cidade.

11 PORTAS 2005:158 (artigo datado de 1981)

12 Patrick Geddes (1854 – 1932) Urbanista, pai das intervenções *Preview Before Planning*. Geddes defendia que a forma espacial estava relacionada com as relações sociais e portanto, a alteração da forma espacial mudaria a estrutura social. Em Edimburgo instalou-se na zona histórica extremamente degradada e activamente articulou forma de reabilitar o lugar. Promoveu a construção de blocos residenciais e novas funcionalidades que ofereciam melhor qualidade de vida aos seus habitantes, especialmente num período em que, por consequência da industrialização, as cidades haviam sofrido grandes alterações nos padrões de vida.

1

SHRINKING CITIES

1.1

SHRINKING CITIES – PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO URBANA

A revolução industrial e mais tarde a globalização introduziram uma transformação cultural sem precedentes à escala mundial, caracterizado pelo rápido aumento da população das cidades e do desenvolvimento económico e urbano, sobretudo nos países industrializados¹. Deu-se início à urbanização, à transformação de hábitos e modos de vida, à reconfiguração das cidades que enfrentaram, em pouco espaço de tempo, condições de sobrelotação provocadas pelo êxodo rural. Ao longo da 2ª metade do século XX, especialmente a partir dos anos 80, o processo de globalização reintroduziu profundas mutações na ordem espacial, social e territorial das cidades, adaptando os novos modelos de comunicação e comércio, imposto pelas novas dinâmicas de desenvolvimento capitalista.

21

Klaus Müller, classifica esta transformação da cidade como uma dinâmica que explica 3 grandes tendências mundiais: em primeiro lugar, a atractiva liberalização dos mercados de capitais, que têm enfraquecido as bases dos sistemas económicos nacionais dos Estados, «apresentando novos tipos de problemas para as políticas base do território»². Em segundo, refere-se ao profundo desenvolvimento tecnológico e redução do custo dos transportes e comunicações, ao ponto de «o processo de geração de riqueza poder ser distribuído entre diversos continentes»³ sem limites de fronteiras ou acessibilidade, graças à “World Wide Web”. Por último, os emergentes mercados em países do Sudeste Asiático, China e Índia, vieram transformar os padrões económicos de antigos países industrializados, desenvolvendo condições bastante atractivas à recepção de investimentos externos e à fixação de indústrias provenientes de antigos países industrializados, que encontram

1 É o que Fernando Chuega Goitia apelida de *transformação incongruente* – o ritmo de «crescimento é muito superior à capacidade de previsão das autoridades, de assimilação dos problemas, de obtenção de créditos suficientes para levar a cabo as reformas de fundo, que são as que ajudam a criar novas estruturas eficazes, sem mabaratar o dinheiro o dinheiro em reformas eventuais e de circunstância» GOITIA1982:170

2 MÜLLER 2006:35 tradução livre. (“Globalized markets and transaction a corporations present new kinds of problems for territorially based politics.”)

3 idem (tradução livre), (“... technological revolutions have reduced the costs of transport and communication so much that processes of wealth creation can be distributed among several continents.”)

aqui, possibilidades de maior rentabilização da produção, devido essencialmente aos custos da mão-de-obra e matérias-primas manifestamente mais baixos.

Em que é que se traduzem então as consequências da globalização na reorganização física das cidades?

O processo de globalização, modificou anteriores concepções urbanas de redes hierarquizadas da cidade, segundo lógicas definidas pelo princípio de proximidade, fixando-se agora na organização a partir de pólos e fluxos urbanos e da influência que estes exercem. Klaus Müller defende que esta transição corresponde a uma reconfiguração da percepção de espaço e de tempo, sendo que, surgem zonas de exclusão e de desenvolvimento regressivo.

Jorge Gonçalves menciona que os encontros CIAM e as Orientações da Carta de Atenas constituíram uma matriz fundamental na organização das cidades pós-modernas segundo lógicas da organização fabril. Surgem as áreas residenciais associadas a indústrias, espaços industriais e espaços de lazer. Este modelo viria a perder credibilidade, quando o fenómeno da desindustrialização começa a verificar-se neste período. A saída de indústrias, provoca instabilidades sociais e económicas que abalam as estruturas da fixação dos diversos grupos sociais num dado local, a par das alterações de padrões de produção, distribuição, e consumo.

Crescer tornou-se uma expectativa social, política e económica que está na base dos ideais, práticas e modelos da ideia de modernidade e desenvolvimento. Se por um lado estamos socialmente formatados para que só o crescimento social, económico, industrial e urbano sejam sinónimos normalidade e de desenvolvimento, na verdade, existem fenómenos que exercem pressões contrárias a esta posição. Nem todas as cidades estão a crescer, ou crescem de forma diferente, “inventando” novos formatos e desperdiçando o primordial.



1



2



3

1 1900- 1920 ,2 1950- 1970 ,3 1980 – 2000
Evolução do Fenómeno *Shrinking Cities* à escala mundial
Cidades com perdas populacionais com mais de 100 mil habitantes, com perdas superiores a 1% por ano.

O fenómeno *Shrinking Cities*, lê-se, primeiro que tudo, associado a uma retracção populacional urbana e ao seu abrandamento económico «num processo de transformação que é temporariamente limitado»⁴ e que pode, efectivamente, estagnar no nível mais baixo de contracção, voltar a crescer ou simplesmente ditar a morte de uma cidade. Relativamente recente, este fenómeno, começa a tomar maior expressão na década de 50 do século XX, em países onde a industrialização e a rápida urbanização tiveram primeiro lugar, como no Reino Unido, Alemanha, Itália, Rússia, Japão, etc.⁵ Estatisticamente, na última metade do século XX, 350 das grandes cidades mundiais, deram início a um processo de retracção demográfica, sendo que, nos anos 90, este decréscimo atingia mais de um quarto das maiores cidades mundiais, prevendo-se que este processo continue.

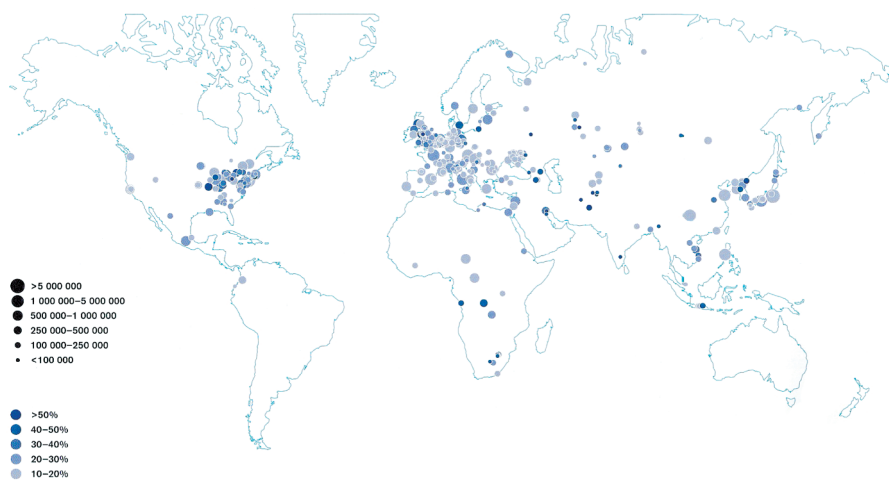
Apesar da sua escala global, este fenómeno apresenta, em cada núcleo, diferentes causas e efeitos responsáveis pelo encolhimento populacional. Não se trata portanto, de um fenómeno transversalmente provocado por uma única condição, nem por qualquer decisão colectiva.

Na cidade, nada se perde, tudo se transforma.⁶ São de transformações profundas no contexto urbano que este fenómeno se carrega. A retracção num dado local, alimenta o crescimento noutros, representando o aumento de espaços excedentes, edifícios e propriedades obsoletas no contexto das *Shrinking Cities*. Philipp Oswalt refere que a utilização e programação das cidades começam por sofrer transformações paralelas a alterações sociais (ainda que não se verifiquem mudanças físicas iniciais), evoluindo gradualmente para diversas práticas quoti-

4 OSWALT 2006:15

5 A instabilidade política e económica, levou à emigração de larga percentagem de população para regiões economicamente mais fortes, provocando a instabilidade demográfica e a retracção no desenvolvimento de população urbana. O fenómeno tomou grandes proporções especialmente na Roménia, Polónia e Ucrânia.

6 Alusão à lei de Lavoisier : “Na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo de transforma.” Entendendo a cidade como um organismo vivo, conforme enunciamos na introdução.



4 Shrinking Cities 1950-2000

Shrinking Cities com mais de 100000 habitantes. Perdas populacionais superiores a 1% por ano, ou perdas contínuas superiores a 10%

dianas, tais como: demolições, vandalismo e apropriação indevida de edifícios vagos, “Urban-farming”, e outras subculturas praticadas por agentes da cidade, que reconhecem no “encolhimento urbano” novas possibilidades e oportunidades informais. A reorganização do espaço público sofre igualmente transformações que vão desde o aumento do estacionamento à expansão urbana para lá dos limites da cidade, e ao progressivo abandono de actividade de áreas centrais que se espalham por áreas cada vez mais dispersas, potenciadas muitas vezes por contribuições estatais, no financiamento de processos de infra-estruturação e planeamento débil e desintegrado.

Com a população e actividade económica a decrescer, e as cidades a continuarem a alastrar horizontalmente, segmentos do centro da cidade reconfiguram-se sob um imagem de edifícios e quarteirões abandonados onde a natureza⁷ procura recuperar espaço, em contraste com os activos parques empresariais periféricos, centros comerciais e novos bairros residenciais em desenvolvimento.

Nas pequenas e médias cidades europeias, estes factores podem ser mais controlados e contidos, mas igualmente devastadores. Estas cidades permaneceram até metade do séc. XX relativamente estabilizadas, dominadas maioritariamente por uma cultura regionalista. As transformações urbanas associadas à tardia industrialização e urbanização destas cidades a partir deste período, suscitaram uma sensibilidade «relativamente à urbanidade, aos signos que a tipificam e a uma ideia abstracta de património que os “centros históricos” parecem reificar»⁸. Esta consciência, manifestamente, surge a partir de um traumatismo de ruptura, «contra o risco de desaparecimento»⁹ de uma identidade que a sociedade vê abalada.

7 Entenda-se “natureza vegetal”

8 PEIXOTO 2003

9 idem

28 O peso de viver com o “fantasma” do património histórico revela-se contudo, numa sociedade pós-industrial, algo contraditória no desenvolvimento da cidade. A estratégia de musealização de muitos dos centros históricos, congelou o processo evolutivo destes contextos, criando dificuldades, hoje comprovadas, de insustentabilidade. F. Chuega Goitia refere que ao «procedermos como uma máquina fotográfica que retém e fixa a imagem de um corpo em movimento, perderemos completamente de vista o seu sentido profundo. Desse modo, confundiremos a cidade com um monumento, ou com um conjunto de monumentos, quando a realidade é muito diferente. Uma cidade é um diagrama expressivo, e para o conhecer é necessário interpretar as forças que nela operam».¹⁰ Este processo, conduziu muitas das cidades médias europeias ao esvaziamento dos seus centros – aqueles a que chamamos históricos - pelas incompatibilidades sociais que aqui se geraram.

Philipp Oswalt, defende que estas cidades, dominadas pelo encolhimento populacional, servirão como impulso para desenvolver novos conceitos urbanos e modelos de actuação, onde, tal como no período pós revolução industrial, será necessário improvisar cooperações e planeamento entre os diversos agentes da cidade, adequado a um novo modelo de sociedade.

É curioso constatar que a cidade de Évora, na sua escala de cidade média portuguesa, ainda que esteja distante do envolvimento dramático verificado na maioria das cidades “encolhidas”, apresenta, numa configuração quase “laboratorial”, uma série de patologias urbanas que estão intrinsecamente ligadas a lógicas de transformação urbana reconhecidamente globais. A sua condição periférica no contexto nacional, associada a fenómenos como a *patrimonialização*¹¹, *periferi-*

10 idem

11 *Patrimonialização e musealização* são dois conceitos intrinsecamente ligados, que definem a valorização do que se classifica como património.

zação¹², desindustrialização¹³, alterações demográficas¹⁴, e fluxos migratórios, ainda que ligeiramente controlados, exercem posições contraditórias na construção da cidade, que ao longo dos três capítulos seguintes se procurará esmiuçar. O fe-

12 Periferia, no contexto urbano, acabaria por representar o «contorno exterior» (Dicionário de Português, porto editora 4ª edição) da cidade, onde se instalaram sistematicamente as sobras, que, aparentemente, não se encaixaram no centro. Sedes de empresas, bairros operários e urbanizações modernas, estruturas de grande porte e outras organizações inconvenientes, que, ainda assim, demonstram profunda dependência da proximidade do centro. Hans-Joachim Bürkner refere que, na base da formação do crescimento periférico, está um défice de importância económica e social, que se manifesta na fraqueza de inovação e desenvolvimento integrado com o centro. Após a década de 80 do séc. XX, o processo de globalização introduziu uma nova tendência no desenvolvimento da periferização. Os factores de localização, a crescente mobilidade e transformação de processos de produção, admitiram a perda de importância de localizações de referência, e a transformação das periferias fez-se de forma rápida, e em geral, descontrolada em torno da cidade. Esta mudança súbita de interesse pelas condições da periferia e a deslocalização de serviços, provocou perdas na cidade que dificilmente foram compensadas com o surgimento de novas pólos de desenvolvimento urbano.

Esta localização tornou-se aliciente pelas suas qualidades indisponíveis ou inacessíveis no centro da cidade. O espaço disponível permite generosas áreas por preços mais acessíveis, especialmente para o tipo de indústria de grandes dimensões ou comércio retalhista que não se destina exclusivamente ao público do centro da cidade. A especialização geográfica tem cada vez menos peso na fixação dos diversos sectores, sendo possível encontrar áreas residenciais com empresas e serviços pelo meio, campus universitários e zonas comerciais, englobadas em extensões territoriais urbanas deficientes.

A descentralização das cidades pós-modernas coincide com profundas alterações no universo social e da mobilidade residencial, fragmentação familiar e instabilidade laboral.

13 Referida como uma das fortes causas, responsável pelo fenómeno que caracteriza muitas das *Shrinking Cities*, a desindustrialização refere-se à nova distribuição da indústria e serviços. O declínio industrial leva a oscilações na estabilidade económica essencial à concentração de vida nas cidades, podendo inclusive representar o abandono ou a perda de referências destas. Ao desaparecimento de uma indústria, associa-se o desaparecimento de sistemas administrativos, redes de comunicação e de transporte, explorações de matérias-primas, e pequenas companhias essenciais ao equilíbrio de qualquer produção industrial. A instabilidade económica está quase sempre na base do declínio populacional. O processo de desindustrialização arrasou com referências de muitas cidades, levando à redução de oportunidades de trabalho.

Em Évora, existem segmentos periféricos que foram afectados pelo abandono industrial, como o 1º parque industrial e zonas adjacentes ao caminho-de-ferro, ou a Fábrica dos Leões. O enfraquecimento da actividade industrial a par da modernização das redes de comunicação, diminuiu igualmente a importância do comboio enquanto meio de transporte de mercadorias e de passageiros.

14 As alterações demográficas geram profundas diferenças regionais e alterações na ordem das cidades. A manutenção ou crescimento populacional são fundamentais para manter o nível de desenvolvimento local e determinam o crescimento ou estagnação urbana. A longo prazo «haverá edifícios vagos, desvalorização, aumento de custos e perda de capitais, devido às demolições e abandono de edifícios» (BIRG 2006:117), a par do desfásado mercado imobiliário, promotor de “ilhas de crescimento”, que proliferam paralelamente ao processo de encolhimento de outros pontos regionais. O declínio populacional significa igualmente, menos uso de instituições públicas e menos receitas das taxas de utilização, que colocará sérios problemas de sustentabilidade dos serviços e da cidade. Um dos reflexos visíveis, são o encerramento de instituições administrativas, maternidades, creches, escolas, etc.

nómeno *Shrinking Cities* constituirá assim um filtro, sob o qual se analisa a cidade de Évora, reconhecendo-se a sua especificidade e por isso “redimensionando” a amplitude deste fenómeno à escala das cidades médias portuguesas.

32



5



6

5 Glasgow, zona industrial
6 Glasgow, centro

1.1.1

CENÁRIOS DE ENCOLHIMENTO

Como já vimos anteriormente, várias causas podem levar ao despovoamento das cidades em diferentes contextos. Os casos que se seguem, de escalas e contextos diferentes, demonstram processos que provocaram a decadência de várias cidades europeias, onde os efeitos se reconhecem muitas vezes como comuns entre si, e reconhecíveis por nós em contextos urbanos deprimidos.

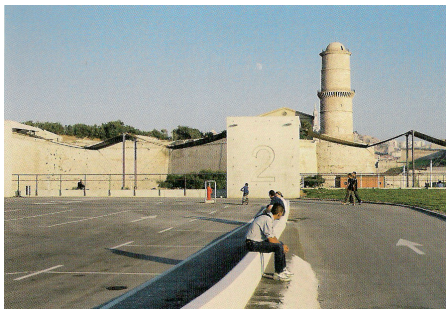
33

Esta série de exemplos de cidades, faz parte da investigação *Shrinking Cities*, presentes no livro *Atlas of Shrinking Cities* como casos demonstrativos das várias causas/efeitos que se enunciam nessa investigação. Não deixa por isso de ser curioso, que uma investigação a nível mundial contenha o caso da Vila de Arraiolos, no Alentejo, como exemplo de uma *Shrinking City*. Uma realidade bastante próxima e que constitui uma certa afinidade territorial com a cidade de Évora.

GLASGOW Escócia, UK. Perda populacional: 502 910 (46.2%) entre 1931-2003

A industrialização começou a desenvolver-se em Glasgow por volta do ano de 1820, crescendo e tornando-se a segunda maior cidade Inglesa. Após a 1ª grande guerra, a competição de outros mercados industriais fez com que a cidade entrasse em crise. 65% dos trabalhadores de estaleiro ficaram desempregados em 1931, e os superlotados bairros centrais a cidade viviam condições de grande precariedade. As medidas de planeamento tomadas contrariaram esta situação movendo essas pessoas para habitações de qualidade em áreas periféricas ou em cidades suburbanas da região. Este facto, aliado com a perda de oportunidades de emprego levou à retracção do centro da cidade. Os cenários de desindustrialização continuaram a crescer até ao séc. XXI, mas nesta altura eram já as casas subsidiadas no pós-guerra que começaram a ser abandonadas e negligenciadas. O governo pôs em prática um plano de demolição na zona periférica da cidade, investindo no centro da cidade em projectos de cultura e arquitectura, apostando na oferta de serviços.

34



7



8

7 Marselha, zona industrial
8 Marselha, centro histórico

MARSELHA França. Perda populacional: 116 000 (12.7%) entre 1975-1999

35

Marselha é a segunda maior cidade francesa, e o mais importante porto do mediterrâneo. A localização do porto foi determinante para o crescimento da cidade, por onde entravam matérias-primas e produtos das colónias francesas. A independência colonial nos anos 50 e 60 conduziu muitos retornados que aqui se fixaram e provocaram o crescimento da cidade para lá dos seus limites. O declínio colonial e a mudança das rotas do comércio provocou o declínio do porto e das indústrias que dependiam directamente dele. Entre 1980 e 1990 1/5 da população da cidade havia perdido o emprego. Muitas das áreas industriais foram simplesmente abandonadas, seguindo-se ondas de migração populacional. Os edifícios abandonados não só têm potenciado práticas ilícitas, como também iniciativas artísticas e sociais. Os fundos da União Europeia permitiram que a cidade, procurasse inverter a sua condição industrial, para uma cidade de serviços através de vários projectos postos em prática. A partir de 2000, Marselha começou novamente a ganhar população.

36



9 10

ENEZA Itália. Perda populacional na área urbana: 46 000 (14.5%) centro histórico: 112 500 (64.4%) entre 1989-2004 37

A terceira maior cidade Italiana, foi durante séculos um importante centro económico de referência internacional. Enquanto cidade histórica, revelou-se incompatível com as indústrias modernas. Para tal desenvolveram-se, durante o início do séc. XX áreas suburbanas para expandir e fixar indústrias na cidade. A partir de 1918 o porto de Marghera foi desenvolvido como porto industrial rodeado de áreas comerciais e habitacionais. Até à Segunda Guerra Mundial, a zona histórica permaneceu densamente povoada, apesar do avançado estado de degradação e congestionamento. A partir de 1951, dezenas de milhares de habitantes saíram da cidade, juntamente com o comércio pelo insuportável peso de manutenção que a cidade exigia. Hoje em dia a cidade apresenta-se demograficamente envelhecida e a cidade tornou-se extremamente internacional, sendo que apenas cerca de metade dos habitantes de Veneza são Venezianos, e recebe diariamente 12 milhões de turistas por ano. A fragilidade da lagoa apresenta problemas graves de instabilidade à cidade favorecendo o abandono e a degradação dos edifícios. Grande parte dos edifícios fora das zonas turísticas, estão abandonados ou bastante degradados.

38



11



12 13

- 11 Mostar, zona histórica
- 12 Eisenerz, centro da cidade
- 13 Eisenerz, vista sobre a exploração de minério

MOSTAR Bósnia-herzegovina. Perda populacional: 11 890 (10.1%) entre 1991-2005

A guerra civil de 1992-93, foi factor que acabou com o crescimento da cidade de Mostar. As populações foram expulsas e cerca de 1/7 da população refugiou-se em países estrangeiros. Em 1995, cerca de 40000 pessoas tinham deixado a cidade, em que 70% das casas haviam sido danificadas ou completamente destruídas. A destruição de áreas industriais, desemprego e altas taxas de abandono de edifícios, geram a progressiva saída da cidade.

Actualmente o centro configura-se ainda sobre um amontoado de ruínas, habitadas nos interstícios pelos habitantes que persistem em ficar.

EISENERZ Áustria. Perda populacional: 16800 (53.5%) entre 1956-2005

Situado no sopé da Montanha Styrian Erz, esta cidade desenvolveu-se, sobretudo a partir de 1881, devido à exploração para exportação, do maior depósito de minérios de ferro da Áustria.

Desde 1980, os locais de exploração começaram a escassear e a oferta externa tornava-se mais barata. Os meios de exploração tornaram-se igualmente mais modernos, sendo que, para a produção 4000 trabalhadores em 1970, diminuí-se para cerca de 200. Os habitantes continuam a partir, especialmente os mais jovens. A cidade parece desproporcionadamente grande para os 5000 que ainda persistem em ficar. Mais de 600 habitações estão vagas, especialmente nos bairros operários.

40



14 15

14,15 Lodz, sectores industriais abandonados

LODZ Polónia. Perda populacional: 77 996 (9.15%) entre 1989-2004

41

A industrialização foi o grande impulsionador de desenvolvimento de Lodz após 1831, tornando-se na segunda metade do séc. XIX num dos maiores centros de indústria têxtil manufacturada.

Em meados da década de 1970 os sintomas de decadência da cidade tornaram-se evidentes, fruto da presença dos edifícios industriais na cidade, embora se verificasse um crescimento de áreas habitacionais nas suas áreas periféricas. Em 1989 a indústria têxtil sofre um colapso de produção fruto da competição externa dos mercados globais. O desemprego aumentou, levando à migração da população. Depois de 1989 deu-se o processo de privatização sobretudo no sector terciário. A classe média migrou para áreas periféricas e o processo de desindustrialização acelerou. O facto de se encontrar fora das grandes redes de comunicação agravou a retracção da cidade.

42



16 17

ARRAIOLOS Portugal. Perda populacional: 5766 (44%) entre 1940-2005

43

A partir de 1940, devido às fracas condições oferecidas pela região que subsistia praticamente da agricultura e do fabrico de tapetes, os habitantes mais novos começaram a emigrar para cidades maiores ou para o estrangeiro. A entrada de Portugal na União Europeia, trouxe benefícios ao país e à pequena vila, dotando-a de novas infra-estruturas e equipamentos públicos, como escolas e estruturas turísticas. Contudo, nos últimos 35 anos gerou-se um processo de desenvolvimento demográfico que gerou diferenças significativas entre as diferentes classes etárias. A população está envelhecida, agravado pela contínua migração de população mais jovem. O Ministério da Educação decretou recentemente, o fecho de escolas nesta região, bem como noutras regiões do país.

Nos quatro últimos casos não se reconhece qualquer reacção ao fenómeno *Shrinking Cities*, mas surgem aqui apresentados na medida em que os efeitos da sua condição encolhida, revelam coincidências que lançam linhas para a interpretação do espaço urbano, ao longo do capítulo final.

2

TRANSFORMAÇÕES RECENTES DAS CIDADES MÉDIAS EM PORTUGAL

2.1

DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS PORTUGUESAS NOS ÚLTIMOS 35 ANOS

As cidades em Portugal sofreram profundas transformações nos últimos 35 anos. O desenvolvimento das médias cidades portuguesas foi revelador de inúmeras tendências e receios, de políticas urbanas independentes, sem o rigor de um plano estratégico urbano a nível nacional.

45

Álvaro Domingues defende que a origem da ruptura dos padrões tradicionais de crescimento urbano das cidades portuguesas, está directamente ligada ao desenvolvimento infra-estruturas e sistemas de mobilidade. A democratização do uso do automóvel, introduziu novos modelos de habitar e novas perspectivas no desenvolvimento urbano das cidades.

A relação de proximidade deixa então de ser o principal factor de fixação, dando lugar a novas relações de tempo e de velocidade que

«diminuíram o atrito territorial; a possibilidade de escolha aumentou a liberdade de movimentos, e variou os destinos e as origens, os ritmos, os circuitos e as mobilidades que suportam o quotidiano».¹

Os principais eixos viários e nós de acesso geram novos padrões de distribuição e organização geográfica, com base em trajectos, acessibilidades, localização de actividades e infra-estruturação territorial. Refere-se ainda que tais factores determinam um movimento centrífugo e de dispersão urbana antes ainda de surgir alguma regulamentação, iniciada na década de 90 com a aprovação dos primeiros PDMs.

Genericamente era já irreversível o planeamento urbano assente em pressupostos contrários à expansão contida e contigua às cidades existentes. A uma cidade densa, consolidada em estrutura e limites, onde o centro exercia até então princi-

¹ DOMINGUES 2006: 19

⁴⁶ pal magnetismo, juntaram-se agora novas polaridades urbanas, muitas vezes des-cosidas do núcleo urbano principal sobretudo favorecidas por interesses públicos ou privados na fixação de indústria, comércio e serviços e sobretudo habitação. A cidade convive agora com duas realidades urbanas, passando de uma estrutura monofuncional para uma estrutura urbana polifuncional, disseminada pelo território, conforme argumenta Álvaro Domingues

O modelo tradicional de conjunto urbano coeso e compacto de centro e limites definidos, manteve-se enquanto se conservaram os modelos de produção, distribuição e consumo, e os meios de comunicação permaneceram subdesenvolvidos a par do reduzido poder de compra e da fraca mobilidade da população.

O investimento público com maior significado na década de 80, fruto das verbas dos Quadros Comunitários/União Europeia, trouxeram a oportunidade de dotar o país de novas infra-estruturas, que, ou interagiram e foram usadas como forma de reajustar novas ofertas na cidade consolidada, ou, por outro lado, potenciaram a dispersão baseada em localizações mais favoráveis economicamente.

«Esta transformação foi avassaladora no que diz respeito às infra-estruturas de mobilidade onde se desencadeou a vontade de dotar o país de uma rede viária entre as principais cidades do país, através do Plano Nacional Rodoviário, substituindo ou reabilitando as antigas e congestionadas estradas nacionais»².

Localmente, às vias que atravessavam anteriormente o interior das cidades acrescentem circulares, variantes, nós e acessos que as desviaram para áreas periféricas, ligando-as à nova rede de estradas. Com esta base infra-estrutural criada, e com o desenvolvimento das chamadas novas centralidades, quase espontaneamente, foi alargado o interesse à potencialidade que o elemento estrada passou a sig-

2 idem

nificar, e muito naturalmente nas suas margens se foram fixando vários tipos de actividades de serviço ou de comércio, misturados com habitação, em ambientes com fracas referências de elementos urbanísticos. A estrada, simultaneamente rua, assumiu um carácter híbrido desligado de referências locais, onde «a membrana entre o edifício e o corredor viário toma, assim, proporções e soluções híbridas e desiguais: áreas de estacionamento, fragmentos ajardinados, esplanadas, lugares de exposição de produtos e de publicidade ou sinalética».³

A transformação social provocada pelo manifesto desenvolvimento infra-estrutural do país, assume igual importância na transformação territorial dos núcleos urbanos, sendo que «a fixação de novas actividades e emprego (...), a subida generalizada dos níveis de rendimento, a generalização do uso do automóvel, as transformações dos agregados domésticos (...), a difusão de novas referências culturais (...), os hábitos e práticas de consumo etc., ajudam a explicar estas transformações».⁴

As pressões, no que diz respeito ao mercado imobiliário de habitação, são o lado mais visível da dispersão das cidades portuguesas através do desenfreado loteamento e fragmentação do crescimento urbano, admitidos pela legislação cúmplice ou inexistente, contribuindo para uma vasta diversidade de oferta de padrões urbanísticos, conforme refere ainda Álvaro Domingues. Esta expansão representa em muitas situações, «gasto excessivo de solo, fragmentação e descontinuidade do tecido construído, rarefacção da densidade, défice de infra-estruturação e de desenho urbano, predação de recursos ambientais e paisagísticos, gasto de energia, etc.».⁵

A dispersão urbana em Portugal resulta igualmente desta crescente oferta a par da diversificação de grupos sociais, bem como da rápida mudança dos paradigmas do habitar resultando em diversos tipos de agrupamentos. Algo que se

3 Idem p.27

4 idem

5 idem

classifica entre o urbano e o rural, mas que dificilmente tira proveito do melhor destas duas naturezas. Este tipo de urbanização é comumente associado a uma condição de não cidade, onde o poder especulador da arquitectura de “beira de estrada” é encarado como contrária às boas práticas urbanas de referência, onde tudo ainda é possível, porque está liberto de referências estampadas na cidade convencional. A única referência é quase sempre o elemento estrada.

Em relação aos centros, Álvaro Domingues refere que existem duas classificações consensuais para definir a estrutura central da cidade portuguesa, em particular no que diz respeito às transformações das cidades portuguesas nos últimos anos:

- _A primeira refere-se ao centro histórico detentor das marcas patrimoniais, e das referências no desenvolvimento e uso da cidade, exercendo particular magnetismo sobre o carácter simbólico, memória colectiva da identidade e iconográfica local;
- _O outro tipo de centro reporta-se a locais na cidade francamente dotados de funções e serviços, revelador de maior actividade de vivência e dependência urbana diária, mas que não contém em si, na sua generalidade, as cicatrizes do tempo que caracterizam o primeiro.⁶

A monocentralidade foi, durante largos anos, factor de condensação urbana, onde gravitavam todas as referências urbanas das cidades portuguesas. Num passado recente, o desenvolvimento público das novas funcionalidades das cidades «revelou a descoordenação urbanística e a extrema sectorialização dos vários ministérios», pelas sucessivas e desconexas intervenções desintegradas de uma estratégia comum. Os parques industriais cresceram nas imediações, atraindo novas possibilidades de desenvolvimento urbano e de polarização económica e social. As acessibilidades e os locais economicamente mais favoráveis ditaram

⁶ Esta última categoria de “centro” pode ou não fazer parte do núcleo urbano. Em muitos casos, serviços de grandes dimensões, como hospitais, universidades ou centros comerciais são instalados fora dos limites urbanos por questões de acessibilidade, constituindo eles mesmo uma nova distribuição de novas centralidades.



18 19



50



21



20 22

18 Santa Maria da Feira. Centro Comercial, junto ao nó de acesso às principais vias rodoviárias. Marcadamente trata-se de novas premissas de localização, distribuição e consumo, transformadas pelo uso do automóvel.

19 Aveiro. Zona Norte com ligação ao eixo viário IP5 e alastramento de restante rede viária

20 Coimbra, aglomeração urbana em torno dos eixos rodoviários

21 Covilhã, nova centralidade criada na zona mais baixa, devido à instalação de novos equipamentos e infra-estruturas.

22 Póvoa de Varzim, zona a Norte da cidade, caracterizada pela dispersão urbana



23

24



51



25 26



23 Aveiro, vista da "cidade histórica"

24 Guimarães, o centro histórico de Guimarães constitui um dos melhores exemplos de integração urbanística no tecido urbano.

25 Figueira da Foz. Em primeiro plano, aglomerado histórico contrasta com a expansão de novos segmentos ao longo da costa.

26 Viseu, zona a Norte da cidade, caracterizada pela dispersão urbana, intermediados por terrenos agrícolas que resistiram até agora às pressões imobiliárias

As fotografias da autoria de Filipe Jorge, revelam retratos de cidades médias portuguesas que, face à transformação ocorrida nos últimos 35 anos, se reconfiguraram em fragmentos de cidade vagos e dispersos, idênticos de Norte a Sul de Portugal, onde dificilmente reconhecemos a imagem que dantes associávamos a cada cidade.

De um lado, bocados de cidade irreconhecível, do outro a singularidade dos centros históricos que continuamos a associar à imagem de cada cidade.

52 a localização e a estrada passou a elemento de exposição à população consumista que crescentemente usam o automóvel.

O surgimento de novas polaridades equiparadas à condição de centro, resultou genericamente em profundas transformações no significado de “centro”, classificados segundo Álvaro Domingues em duas grandes tendências:

- _ No centro tradicional, denominado de “histórico” reforça-se a ideia da sua importância monumental e identitária a par de um efectivo estado de degradação e condição patológica da cidade. O antigo centro é agora alvo de políticas de intervenção sucessivas perante o consciente cenário de degradação e crise generalizada da sua condição;
- _ No lado oposto as novas centralidades emergentes estruturam a expansão da urbanização, que por um lado são encaradas como potenciadores de “dinâmicas urbanas desejáveis” e surgem como reajustes aos novos padrões de produção e consumo das populações urbanas.

Muitas são as teorias que apontam estas novas centralidades como os principais factores de depressão do antigo centro das cidades pelo seu desconsiderado crescimento, e sobretudo pelos impactos que a transferência de actividades económicas, alterações das culturas urbanas e variações de fluxos e mobilidade geram no antigo centro.

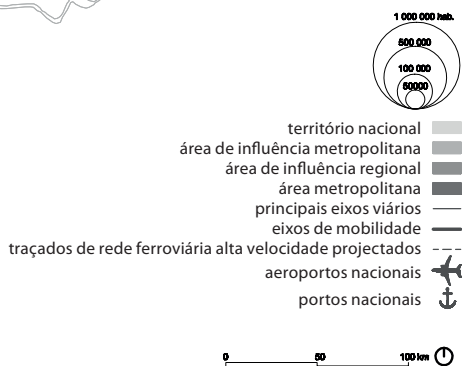
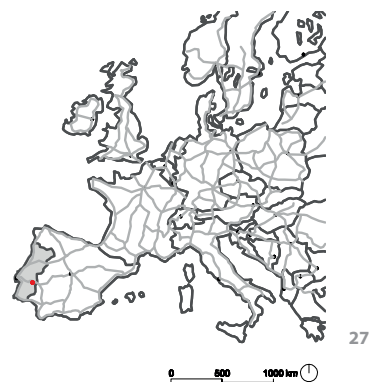
O colectivo presente a perda de qualidades urbanas destes dois tipos de centralidades. Por um lado o velho centro cristaliza-se na sua condição de “histórico” condensador de relíquias patrimoniais e é continuamente alvo de intervenções especiais de revalorização, porque efectivamente os “novos centros” constituídos comumente por um urbanismo banal, não transportam em si as referências urbanas convencionais ou sequer preocupações de integração contínua da cidade. É a consciência de que a qualidade perdida do velho centro, não é repostada ou sequer recompensada pelos centros emergentes, nas suas mais diversas pluralidades.

A tradicional rua, ou avenida e mesmo a compacta composição em quarteirões da velha cidade, imprescindíveis à sua vivência, limitam-se nessa velha cidade. Para lá dos limites da velha cidade os novos fragmentos de cidade perderam a clareza do traçado e organização. 53

Regulação urbanística

A regulação do planeamento urbano, era, antes do 25 de Abril, do domínio do Estado Novo, e quase totalmente financiada pelos fundos públicos do país. As frágeis condições sociais vividas na época, falta de infra-estruturas, o tímido desenvolvimento urbano em Portugal e o modelo autoritário de fácil expropriação por parte do regime, fizeram crer que efectivamente o planeamento era seguro. Após o 25 de Abril o desenvolvimento urbano do país aconteceu rapidamente à revelia da disseminação das responsabilidades de legislação pelo poder local. O rápido desenvolvimento urbano processou-se na maior parte das cidades sem a experiência de planear por parte do poder local e sem Planos Directores Municipais resolvidos ou eficazes. O resultado deste processo de atropelos urbanos, lamentavelmente, resultou no caos do desenvolvimento das cidades portuguesas a par do progressiva perda de qualidade do loteamento, manifestamente mais interessados na especulação imobiliária do que na integração na escala e no contexto territorial. Em geral, as excepções de planeamento minimamente convincente, resultaram no crédito dado aos planos de pormenor, adequados a áreas restritas e que reúnem em si algum consenso, aliados a políticas estáveis e sistemas de financiamento seguros.⁷ Exceptuando estes casos, o planeamento representa genericamente, pela extensa área regulada e rigidez de soluções, não mais do que um conjunto de intenções estratégicas.

⁷ Exemplo disso foram os Programas POLIS



27 Localização Geográfica da Cidade de Évora na Europa

28 Mapa Estratégico Nacional do Modelo de Mobilidade Territorial no Âmbito do Desenvolvimento da Política de Cidades Polis XXI.

São objectivos deste plano estratégico [PNPOT], atenuar o desequilíbrio entre Litoral/ Interior, sistematizando infraestruturas de mobilidade, acessibilidade e equipamentos, numa lógica de rede de cidades. Pretende-se «promover a integração do território por via da organização policéntrica (...)», e do reforço da articulação dos centros com áreas rurais envolventes. Évora inclui-se nesta estratégia, como cidade regional.

Fonte: DGOTDU – Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. 2009

3 ÉVORA

3.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO E URBANO

Situada numa região predominantemente agrícola, a cidade de Évora, desde há muito polariza uma forte influência regional no Alentejo, estabelecendo «desde sempre relações a grande distância, (...) com a capital, Mérida no tempo dos Romanos, Sevilha na Época muçulmana e depois Lisboa»¹, mantendo sempre uma condição marcadamente periférica, no contexto do território nacional, que a “salvaguardou” de contaminações provenientes das áreas suburbanas das grandes cidades, neste caso Lisboa.

55

Na sua singularidade enquanto cidade, destaca-se o núcleo histórico com cerca de 103 hectares, contido entre as muralhas medievais, onde se preserva um vasto legado patrimonial decorrente da passagem da sua História. Este é também o centro da cidade por excelência, onde estão instalados grande parte dos serviços, comércio e património, constituindo uma referência ao crescimento da cidade no seu todo, que se manteve concentrada até aos princípios do séc. XX dentro da Cerca Fernandina. Dra. Maria Manuela Oliveira² refere que a muralha concentrava no seu interior, até então, para além de habitações, conventos com amplas cercas, hortas, jardins e fábricas que permitiam a sustentabilidade da cidade, em conjunto com as quintas e propriedades de grande extensão que se desenvolviam a partir das portas da cidade e que, de certo modo, travaram a possível expansão extra-muros. Até aqui, a cidade moldou-se aos espaços disponíveis no interior da cidade muralhada, densificando-a e adaptando-a ao aumento demográfico verificado. Só no início do século XX surgem, ainda que escassos, indícios de algum progresso e investimento para lá das muralhas, com a chegada do comboio, a instalação da fábrica dos Leões às portas da cidade e, em geral, a mecanização da cultura agrícola, iniciando um processo de crescimento urbano, fruto do crescimento populacional proveniente do êxodo rural.

1 DAVEAU 1995:122

2 Geógrafa, Directora do Departamento do centro histórico da C.M. Évora até 2009

56



29



30

29 Vista aérea de Évora, 1940
30 Vista aérea de Évora, 2006

Considerando o panorama nacional, Évora, foi até ao último quartel do séc. XX,

«o principal centro urbano de uma região cuja base económica era assente numa (...) estrutura latifundiária alimentada pela exploração intensiva de mão-de-obra desqualificada e satisfeita com a recolha sazonal de resultados económicos quase garantidos, desprovidos de riscos. A mesma estrutura que desprezava qualquer visão empresarial, investidora numa transformação modernizadora e portadora de novas ideias e, portanto, de novos riscos».³

Não sofreu por isso, até este período, grandes pressões urbanísticas, permitindo que não sofresse fortes descaracterizações e adulterações da sua iconográfica imagem e ao mesmo tempo se fosse dotando de instrumentos reguladores do desenvolvimento urbano e políticas continuadas de aplicação desses instrumentos.

Desde a década de 40 do séc. XX que a cidade veio sucessivamente a desenvolver planos de desenvolvimento da cidade extra-muros, em resposta ao crescimento demográfico da cidade (potenciado em grande maioria pelo fluxo de migração) e, crescentemente a desenvolver medidas de conservação do Património Histórico.

Após o 25 de Abril, tal como por todo o País,

«(...) abriu-se um período de liberdade e entusiasmo que fez emergir fortes dinâmicas de transformação, nem sempre convergentes e que, num primeiro momento (...) tiveram expressões que negaram a autoridade e a disciplina de ordenamento territorial, com a explosão ameaçadora de dezenas de loteamentos clandestinos»;⁴

3 SILVA s/d: 184

4 Idem p.185

58 que era de resto, um problema que se arrastava na periferia da cidade de Évora desde a década de 30, tomando gradualmente maior expressão ao longo das décadas seguintes. A legitimidade que o poder político local adquiriu neste período, permitiu dar prioridade a um programa de intervenção urbanística inédito na cidade, e no contexto do país, que englobavam «o projecto de recuperação de bairros clandestinos (...); o projecto de auto-construção apoiada; um plano de ordenamento estendido a todo o território concelhio (mais tarde, em 1982, consagrado legalmente o Plano Director Municipal de Évora); na sequência deste, o Plano de Preservação e Recuperação do centro histórico (entretanto classificado Património Mundial da Humanidade pela UNESCO em 1986); e, posteriormente o Plano de Circulação e Transportes de Évora.»⁵ Passados cerca de 30 anos do início deste processo, os antigos bairros clandestinos foram recuperados, permanecendo contudo, a maior concentração de empregos e serviços no interior do centro histórico da cidade.

Em dimensão, e enquanto cidade administrativa regional, é considerada uma cidade média, com cerca de 42000 habitantes⁶ a residirem no seu perímetro urbano. O carácter periférico, no contexto nacional, tem contribuído para a desvitalização económica social e demográfica que ainda hoje persiste, pelas débeis condições competitivas, mas tem permitido manter valores e práticas originais de um território que se conservou sem grandes pressões, quando comparado com o contexto das cidades médias em Portugal. A construção de novos traçados viários como o IP7 (eixo Lisboa – Madrid), o IP2 (entre o Algarve e as capitais de Distrito do Interior a Norte) e o IC33 (com ligação a Grândola), e com a previsão do traçado de Alta Velocidade (Lisboa - Madrid), segundo indicadores da Câmara Municipal de Évora, confere à cidade potencialidades de atracção turística que têm constituído alguns factores de investimento e transformação da cidade, sobretu-

5 idem

6 Correspondente a 78% do total do concelho

do no seu Centro, de onde provem parte da sua sustentabilidade económica. A reinstalação da Universidade na década de 70 do séc. XX, constituiu igualmente um factor de desenvolvimento, representando um peso significativo na actividade da cidade, quer pelos cerca de 7000 estudantes, na sua maioria deslocados que se instalaram na cidade, quer pelo crescimento de uma classe intelectual e de maiores qualificações, ou pelo conjunto de comércio e serviços a esta associados. Toda a restante actividade refere-se maioritariamente ao domínio do sector terciário, potenciado pela condição de cidade administrativa regional.